

FRANCIS DE CASTELNAU E O RELATO DE UM GRUPO
DE ESCRAVOS DE SALVADOR DA BAHIA EM 1851.
OU
DO CARÁTER SIMIESCO DOS INDESEJÁVEIS.

LUIZ DANTAS
IEL/UNICAMP

*Nous ne descendons pas du singe,
nous y allons.*

Gobineau

Nas páginas introdutórias dos **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**, de 1888, Sílvio Romero protestava contra a raridade de trabalhos consagrados a línguas e culturas africanas em nosso país, apesar de dispormos, segundo sua própria expressão, do "material em casa"¹; e apressava os especialistas, antes que tantos testemunhos vivos e informações diretas desaparecessem irremediavelmente. Nina Rodrigues, no clássico **Os africanos no Brasil**, reunião de um conjunto de investigações que se estendem de 1890 a 1905, relembrou as mesmas palavras de Sílvio Romero, comentando: "Hoje é a Bahia talvez a única província ou estado brasileiro em que o estudo dos negros africanos ainda se pode fazer com algum fruto. Mas, ou esse estudo se faz de pronto, ou a sua possibilidade em breve cessará de todo. São todos os africanos de idade muito avançada e tal a mortalidade deles que dentro de poucos anos terão desaparecido os últimos"².

Da mesma forma, os relatos dos viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil no século XIX são surpreendentemente parcios em exames atentos do variadíssimo contingente de escravos africanos. Tantas línguas a serem classificadas, tantos costumes, tantos destinos guardaram silêncio face ao interesse timorato desses viajantes: foram relegados à categoria de um pitoresco sem excesso de zelo detalhista. Por outro lado, junto aos espíritos melhor intencionados, a sua ocultação talvez se deva ao repúdio que sentiam pelo tema escravista. Não bastou que Martius houvesse recomendado ao historiador brasileiro futuro indagar a condição do africano chegado ao país, se acaso pretendesse fazer uma história completa do Brasil³; não bastaram algumas descrições excepcionais, como a de Koster, ou o panorama dos "Usos e costumes dos negros" inserido por João Maurício Rugendas em sua **Viagem pitoresca através do Brasil**⁴, de 1835, para apresentar a Sílvio Romero o retrato complexo do africano brasileiro, considerado enquanto "objeto de ciência".

¹ Cit. in Nina Rodrigues, **Os africanos no Brasil**, 6ª ed., São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982, p.XV.

² Op. cit., p.17.

³ Consultar Carl F.P. von Martins, **Como se deve escrever a História do Brasil** (1ª edição, em português, 1845), em especial o cap. "A raça africana em suas relações para com a História do Brasil", in **O estado do direito entre os autóctones do Brasil**, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1982, pgs.85/107.

⁴ In João Maurício Rugendas, **Viagem pitoresca através do Brasil**, (1ª edição em francês e alemão, 1835), 8ª edição, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1979, pgs.279/286. Sobre o papel de Rugendas, estudioso dos africanos, consultar o estudo recente de Robert W. Slenes, "Malunga, ngoma vem!: África coberta e descoberta no Brasil", in **Revista USP**, São Paulo, dezembro/janeiro/fevereiro de 1991/1992, n° 12, pgs.48/67.

O relato aqui apresentado, e que tento compreender, não responde de modo satisfatório a essa expectativa. Ele situa-se, aliás, num curioso terreno onde a ciência, ou em todo caso a atividade classificatória, a investigação antropológica convivem com a credulidade mais permeável à intrusão do maravilhoso, resultando num capítulo de uma espécie de história natural fantástica. Esse texto permite ao menos objetar a João Maurício Rugendas que a travessia do oceano, a violência do cativo não significaram para os africanos a completa morte de suas lembranças, a destruição das idéias anteriores, como ele afirma, e o apagamento de seus interesses⁵. Trata-se, apesar de sua precariedade e apriorismos, de um registro precioso dessas presenças plenas, se não silenciosas, pelo menos não ouvidas⁶; trata-se também, forçosamente, de uma comprovação melancólica da advertência de Sílvio Romero e Nina Rodrigues sobre o inexorável desaparecimento de tantos testemunhos, condenados a durarem apenas o que dura uma vida. Mas, vamos ao autor do texto.

Francis de la Porte, conde de Castelnau (1812-1880)⁷ visitou o Brasil em duas ocasiões. Num primeiro tempo, enquanto organizador e chefe de uma expedição oficial francesa que, entre 1843 e 1847, percorreu não só o Brasil central, mas boa parte do continente sul-americano. A meta da expedição⁸ era provar ser realizável a navegação, por via fluvial em sua quase totalidade, entre as Antilhas francesas e Buenos Aires. O trajeto concebido implicava subir o rio Amazonas e tomar um dos afluentes austrais, o Tocantins ou o Araguaia, percorrendo-o contra a corrente até as cabeceiras, de modo a atingir o ponto de divisão das águas da bacia amazônica e platina, para daí enfim, negociando um breve percurso intermediário em chão firme, descer, primeiro um dos afluentes, em seguida o próprio rio Paraná até a destinação final, Buenos Aires⁹. A contrapartida monumental desse périplo são os quatorze volumes **in quarto** da **Expedição às regiões centrais da América do Sul**, editados entre 1850 e 1859¹⁰, que a coleção Brasileira traduziu e publicou em 1949 entre nós, pelo menos a secção correspondente ao Brasil¹¹.

Francis de Castelnau regressou à França com suas coleções botânicas, objetos, croquis e notas por assim dizer às vésperas da Revolução de 1848, que depôs Luís Felipe, instaurou provisoriamente a República, e privou, ao mesmo tempo, o explorador dos recursos financeiros da dinastia dos Orleães para a edição futura da obra. A própria expedição científica, aliás, contara com o patrocínio e estímulo direto dos Orleães. O retorno imediato de Francis de

⁵ João Maurício Rugendas, op. cit., p.282.

⁶ Reenvio ao estudo de Robert W. Slenes, citado acima, cuja matéria é a sobrevivência das culturas africanas no Brasil e a questão da comunicação entre comunidades de escravos linguisticamente diversas.

⁷ Cf. **Dictionnaire de Biographie Française**, sob a direção de Prevost e Roman d'Amat, fascículo XXXVII, Paris, Librairie Letouzey et Ané, 1954.

⁸ Sobre os objetivos da viagem exploratória, consultar um primeiro relato parcial de Francis de Castelnau, "L'Araguail (sic). Scènes de voyage dans l'Amérique du Sud", in **Revue des Deux Mondes**, 1848, tomo 3 (1º de julho de 1848), pgs.151/169.

⁹ A expedição atingiu muito concretamente essas regiões limítrofes as duas grandes bacias fluviais. Castelnau, não sem entusiasmo, afirma: "A fazenda do Estivado (vizinha do município de Diamantino), onde nos achávamos, fica localizada num dos pontos mais curiosos do continente. Ali, com efeito, a alguns passos uma da outra, ficam as nascentes de dois dos maiores rios do mundo, a saber o rio Amazonas e o rio da Prata. Dia virá em que se poderá estabelecer sem dificuldade comunicação entre estes gigantescos rios, pois, conforme nos informou o próprio dono da casa, com o simples intuito de regar o seu quintal ele tinha feito correrem as águas de um para o leito do outro. As nascentes do rio Estivado, que é o verdadeira tronco do Arinos, acham-se numa anfractuosidade do planalto, a qual descamba para o norte, 200 metros a leste da sede da fazenda a que deu nome; por outro lado, 84 metros a oeste da última, saem de um buritizal as primeiras águas de um afluente do Tombador, que, como sabemos, é tributário do Cuiabá. O sítio do Estivado acha-se por conseguinte no divisor das águas que correm para o norte e para o sul", in **Expedição às regiões centrais da América do Sul**, tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto, Cia. Editora Nacional, coleção Brasileira, São Paulo, 1949, tomo II, p.217.

¹⁰ Consultar **Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para; exécutée par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 à 1847 sous la direction de Francis de Castelnau**, Paris, P. Bertrand, 1850-1859, 14 volumes.

¹¹ Op. cit.

Castelnau ao Brasil, em 1849, como cônsul francês em Salvador da Bahia, é consequência da reviravolta política. É de Salvador que o viajante-naturalista, em seguida diplomata, dirigiu a publicação colossal, financiada por subscrição, assinando, inclusive, o capítulo introdutório da obra na capital da província¹². Da mesma forma, é em Salvador que o documento aqui apresentado foi concebido. O seu título completo, longo se comparado à modéstia das pouco mais de 60 páginas da brochura, é **Informações sobre a África Central e sobre a localização de uma nação de homens de rabo - segundo depoimento dos negros do Sudão, escravos em Salvador da Bahia**¹³.

As palavras iniciais de Castelnau explicam a origem e o propósito do livro:

O pequeno trabalho que submeto neste momento ao público compõe-se de informações que pude obter dos negros escravos de Salvador. Pouco tempo após minha chegada àquele posto, não tardei a notar que vários deles sabiam ler e escrever o árabe e o líbico, vindo-me ao espírito que, em meio a uma multidão tal, originária de todos os pontos da África, achar-se-iam alguns indivíduos capazes de fornecer informações sobre os lugares ainda inteiramente desconhecidos do vasto continente. Obtive, dessa forma, itinerários que não obstante serem muito incompletos, podem, apresentar todavia algum interesse aos que se ocupam da geografia do interior da África.

Caberia interromper a citação para esclarecer alguns dos termos empregados por Castelnau. Já o título, ao mencionar o Sudão (não se trata do país atual, naturalmente, mas de uma entidade homônima bem mais genérica), lembra o quanto permanecia impreciso o conhecimento do continente africano, exceção feita de seu contorno litorâneo e do mundo muçulmano tradicional. O Sudão de Castelnau corresponde ao que os geógrafos árabes denominaram de **Blad-es-Sudan**, o país dos negros, em oposição a **Blad-el-Beidan**, o país dos brancos, isto é, tudo aquilo que se estendia ao sul do Saara. Ainda por volta de 1830, um mapa inglês apresentava o Saara separado do restante do continente por uma ininterrupta e fantasista cadeia de montanhas, prolongando-se de costa a costa como uma vasta muralha divisória. Cabe lembrar que as primeiras explorações das regiões centrais da África iniciaram-se em data posterior ao documento de Castelnau: John H. Speke e Richard Burton deixam Zanzibar em dezembro de 1856 e permanecem até 1859 na região dos lagos centrais africanos, Tanganika e Vitória; Samuel Baker explora as nascentes do Nilo nos dez anos que vão de 1863 a 1873; Livingstone, enfim, só chega à África em 1866¹⁴. Compreende-se, dessa forma, que Francis de Castelnau tente obter dos escravos baianos um conjunto de itinerários e informações inéditos, através de depoimentos orais, preenchendo assim os vazios da cartografia existente. O próprio Castelnau, quando enfrentou os planaltos centrais brasileiros, utilizara um instrumento semelhante, o muito preciso e indispensável **Itinerário do Rio**

¹² Castelnau conclui a introdução, explicando: "A crise financeira subsequente aos acontecimentos políticos de 1848 não é a causa única do atraso sofrido pela publicação desta obra; eu regressara à Europa num estado de saúde que não permitiu por muito tempo trabalho de nenhuma espécie: estive cego durante um ano. Hoje, enfim, de volta ao Brasil, onde exerço as funções de cônsul do governo francês, sou obrigado a me consagrar a um trabalho considerável sem ajuda de nenhum tipo; e privado das obras mais indispensáveis, só posso solicitar então, sob todos os aspectos, a indulgência do público para com uma obra redigida em circunstâncias tão desfavoráveis", in *Expédition...*, vol.1, pgs.31/2, traduzido por mim, assim como as demais passagens, quando não houver referência explícita ao tradutor.

¹³ Consultar Francis de Castelnau, *Renseignements sur l'Afrique centrale et sur une nation d'hommes à queue qui s'y trouveraient, d'après le rapport des nègres du Soudan, esclaves à Bahia*, Paris, P. Bertrand, 1851, 63 p., 4 gravuras.

¹⁴ Consultar a história das expedições inglesas à África central, de 1856 a 1900, de Alan Moorehead, *The White Nile*, Londres, Penguin Books Ltd., 1971, e em especial a Cronologia, pgs.308/311.

de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás do general Cunha Matos¹⁵, sucedâneo, sob forma de descrição pormenorizada, do mapeamento ainda insuficiente.

Continua a apresentação da brochura:

Um dos escravos, Mahamma ou Manuel, era sobretudo notável por sua inteligência e fizera viagens muito extensas. Com frequência, os meus estudos de naturalista permitiram confirmar as narrativas, julgando-as sempre de grande exatidão, até que um dia falou-me dos Niam-Niams, ou homens de rabo que assegurava ter visto. Apesar de minha incredulidade, sustentou o fato entrando em particularidades detalhadas. A seguir, tive a oportunidade de encontrar uns doze negros do Sudão que pretendiam ter visto Niam-Niams ou ter ouvido falar de sua existência como fato indubitável. Ligava pouca importância às declarações, quando entretanto, por ocasião de meu retorno à França, soube que um outro viajante obtivera informações da mesma ordem na Arábia e assegurava, inclusive, ter avistado um homem de rabo. Desde então, julguei que seria porventura de alguma valia para a história da raça humana publicar os resultados do inquérito de Salvador, sem garantir de forma alguma a exatidão de um fato que parece até contrário aos princípios zoológicos, pois há de se notar que os macacos mais próximos do homem já se encontram privados desse apêndice, ou se os possuem, são apenas rudimentares. Entretanto, sabe o naturalista que a teoria científica mais plausível pode ver-se derrubada, em certas circunstâncias, por uma única observação. Acresci às notas a tradução de alguns termos, e os retratos das nações principais trazidas a Salvador pela escravidão, da mesma forma que um mapa, feito tão só a partir das indicações de alguns negros inteligentes, que apontavam a posição dos lugares que visitaram dispondo grãos de milho pelo chão. Não é necessário acrescentar o quanto um trabalho dessa espécie está sujeito a reserva, dando-o apenas como simples documento¹⁶.

Assim, o itinerário centro-africano para fins eminentemente práticos, de finalidades bem definidas, também abarca um outro mapa que se povoará de monstros à medida que avançarmos para além dos horizontes familiares dos informantes negros de Castelnau, ou se quisermos, para fora das zonas limitadas pelos grãos de milho espalhados na terra batida das ruas de Salvador. A curiosa e imprevista sintonia entre o ouvinte branco e a memória ou o imaginário do falante africano merece atenção.

Francis de Castelnau justifica a sua quase credulidade, ou meio ceticismo alegando um outro testemunho europeu dos homens de rabo. Trata-se exatamente, é possível localizá-lo, de um certo Sr. Ducouret. Com efeito, os anais da Academia de Ciências de Paris, com data de 20 de agosto de 1849, registram a seguinte informação, que eu cito parcialmente:

O Sr. Ducouret envia uma Nota sobre a raça dos Ghilanes (equivalente aos Niam-Niams de Castelnau), raça que habita o interior da África, o Sudão meridional, e que é célebre entre os povos vizinhos por apresentar uma particularidade estranhíssima de organização. O Sr. Ducouret não pôde penetrar até a região habitada pelos Ghilanes, mas viu na Meca, em 1842, um indivíduo que apresentava a conformação mencionada, e as informações prestadas por este homem sobre a localização de sua terra natal, de onde foi levado muito cedo, correspondiam bastante bem à que se conhece como sendo a região dos Ghilanes (...)

¹⁵ Cf. Raimundo José da Cunha Matos, *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*, Rio de Janeiro, Tip. Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Ca., 1836, 2 tomos.

¹⁶ Cf. Francis de Castelnau, *Renseignements...*, op. cit., pgs.5/6.

e o registro prossegue com o convite, por parte da Academia, aos demais sócios para que obtenham dados suplementares¹⁷.

Quer referidos como Ghilanes, quer como Niam-Niams, o certo é que Francis de Castelnau acatou em Salvador uma lenda dos homens de rabo bem arraigada. Bastarão, todavia, pouco mais de vinte anos, para que o **Grande Dicionário Larousse do século XIX** (1874) apresentasse os homens caudados da África já transformados em pura estultícia. Comenta o verbete "Niam-Niam", historiando a questão, que eu cito também parcialmente:

*Um erro singularíssimo foi aceito a respeito dos Niam-Niams e intrigou os sábios que se ocupam de antropologia. Um holandês chamado Struys contou, em 1677, ter visto um negro com um rabo do comprimento de um pé. Após Struys, Hornemann contou o mesmo fato e atribuiu positivamente o estranho apêndice aos Niam-Niams. Em 1844 (imprecisão evidente), um outro viajante, chamado Ducouret, apresentou à Academia de Ciências um desenho representando um negro com rabo, feito segundo o original que ele pretendia ter visto na Meca. Geoffroy Saint-Hilaire fez justiça a essa fábula e demonstrou a impossibilidade, do ponto de vista anatômico, da realidade do desenho. Em 1860, Guillaume Lejean, que se encontrava em Kartum, viu entre as mãos de um traficante de escravos um objeto estranho encontrado sobre o cadáver de um Niambara: era o famoso rabo, objeto de tantas controvérsias e que não é mais que um ornamento de couro semelhante aos rabos de cavalo de certos Peles-Vermelhas. Compõe-se de duas partes bem distintas: uma parte rígida, artificialmente endurecida, e uma parte flutuante, enfeitada com alguns objetos de ferro batido. Ele é amarrado ao cinto que os Niam-Niams usam, passa entre as pernas e abre-se por detrás em leque. Pode-se ver na (revista) **Tour du Monde** de 1860 um desenho que representa esse apêndice, e figura atualmente na coleção de Halim-Pachá, no Cairo (...)*¹⁸

Esta **mise-au-point** do Dicionário Larousse tornou-se possível graças, em grande parte, às atividades do antropólogo e explorador italiano, Carlo Piaggia, que permaneceu entre os verídicos Niam-Niams de 1863 a 1865. Modernamente, esse conjunto ou federação de nações é designado por seu nome próprio, os Azande ou Zandé, que vivem na atual República Centro-Africana¹⁹. O estranho e insinuante nome de Niam-Niam circulava de fato entre os povos vizinhos dos Azande, que dessa forma ao mesmo tempo os designavam e faziam perpetuar uma aterradora, e injusta, reputação de antropofagia. Élisée Reclus, em sua monumental **Nova Geografia Universal**, de 1888, tece alguns comentários sobre esses equívocos etimológicos e antropológicos:

O renome dos Niam-Niams há muito se estendera para além de sua região, até entre os Núbios e os Árabes; porém a miragem que o afastamento produz conferiu estranhos costumes a esse povo misterioso, ao fazer deles até mesmo uma raça diferente de homens, uma espécie superior de macacos. Os famosos "homens de

¹⁷ Cf. Ducouret, "Note sur la race des Ghilânes, race habitant le Soudan méridional", in **Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des Sciences**, Paris, Mallet-Bachelier, Impr.-Libr., 1853, tomo XXIX, pgs.213/214. Alguns meses mais tarde, na sessão de 22 de outubro de 1849, ainda o Sr. Ducouret é citado pela Academia, ao enviar "(...) como documento de apoio à sua Nota 'sobre a existência de uma raça de homens com o cóccix prolongado no centro da África', uma Nota de dois viajantes, os Srs. Arnaud e Vayssière, que recolheram informações análogas referentes a povos designados, aliás, por um nome diferente. O Sr. Ducouret anuncia a intenção de ocupar-se, durante sua viagem, de pesquisas relativas à antropologia, e exprime o desejo de obter, a esse respeito, instruções da Academia (...)". op. cit., tomo XXIX, pgs.451/452.

¹⁸ Cf. "Niam-Niam", in **Grand Dictionnaire Universel du XIX e Siècle**, 1874, tomo XI, p.975.

¹⁹ Consultar o panorama histórico das pesquisas sobre os Azande em E.E. Evans-Pritchard, **The Azande - History and Political Institutions**, Oxford, Oxford University Press, 1971, em particular o Prefácio, pgs.I/XII.

rabo" que os viajantes contavam ter encontrado além das regiões do alto Nilo, não eram outros senão os Niam-Niams, embora não amarrem ao cinto, como os Bongo, um rabo de boi, que à distância poderia com efeito assemelhar-se a um apêndice natural: as peles de animais que eles atam à cintura prestam-se bem menos à ilusão. Mas o nome de Niam-Niam, sinônimo de "Comedores", aplicado por sinal a várias outras tribus além das dos Zandé pelos Núbios, é relativamente merecida, ao menos para um certo número de povos. Piaggia, que foi o primeiro a percorrer de 1863 a 1865 a região dos Niam-Niams, na vertente nilótica, pôde constatar um único caso de antropofagia, o de um inimigo morto cujos despojos foram divididos entre os vencedores²⁰.

Francis de Castelnau reproduz em seu livro cerca de vinte depoimentos de escravos, identificados pelo nome de batismo e pelo nome africano; identificados também por nação de origem, religião, sistema de tatuagens e sinais tribais, com o acréscimo de um pequeno léxico das palavras mais habituais de cada língua. Quase todos respondem à questão sobre a existência dos Niam-Niams fabulosos.

Manuel, já mencionado, talvez mesmo um escravo a serviço do cônsul francês, nascido na cidade de Cano, na Nigéria atual, é o mais longamente ouvido dos informantes. Ele participou, segundo afirma, de uma expedição contra os Niam-Niams. O encontro assim de deu:

A expedição Haúça pernoitou nove vezes naquelas matas extensas; foi com frequência necessário abrir caminho para dar passagem aos cavalos. Ao sair da floresta, começaram a escalar altas montanhas, percebendo poucos dias depois um bando de selvagens Niam-Niam. Dormiam ao sol todos eles; os Haúças aproximaram-se sem ruído e massacraram até o último; tinham todos rabos de quarenta centímetros de comprimento, por dois ou três de diâmetro: o órgão é liso; cadáveres de várias mulheres, de conformação idêntica, encontravam-se entre os demais; estavam absolutamente nus. Nos dias seguintes, a expedição encontrou vários outros bandos, que conheceram a mesma sorte; um estava ocupado em comer carne humana, e as cabeças de três homens assavam ainda ao fogo, suspensas a varas fincadas no chão. Manuel ia à frente e viu matarem muitos deles; examinou os cadáveres, mediu os rabos e não pôde conceber nenhuma dúvida quanto à sua existência.

Os Haúças, durante seis meses, percorreram e assolaram a região. Toda ela é coberta de rochedos muito altos. A maioria dos Niam-Niams vive em buracos de rocha, embora alguns construam choupanas miseráveis de palha.

Os Haúças foram muitas vezes atacados pelos selvagens e mataram grande número deles; são de um preto retinto e os dentes limados, o corpo não é tatuado, obtêm fogo por meio de uma pedra que se encontra nas redondezas (o sílex?). Servem-se de clavas, flechas e azagaias; na guerra dão gritos agudos. Cultivam arroz, milho e outros cereais e frutas desconhecidos dos Haúças; são homens formosos; os cabelos são crespos.

Os Haúças atravessaram vários cursos de água pouco consideráveis que supuseram dirigir-se para o lago Chade.

²⁰ Cf. Élisée Reclus. *Nouvelle Géographie Universelle*. Paris. Libr. Hachette et Cie.. 1888. tomo XIII. "A África meridional". pgs.261/262.

Tomando ainda mais intrincada a etimologia de "niam-niam", transcrevo um trecho desse mesmo verbete na *Enciclopedia Universal Ilustrada - Europeo-Americana*, Bilbao. s/d, tomo XXXVIII, p.504. desta feita numa insuspeitada acepção zootécnica: "Raça de cães do centro da África caracterizada por sua curta cauda, enrolada como a dos suínos. (...) Estes animais têm uma aptidão extraordinária para a engorda, condição apreciadíssima pelos indígenas, uma vez que na região Niam-Niam os cães são comestíveis"

O chefe dos Niam-Niams pediu graça, porém o rei de Cano mandou matar a todos os prisioneiros, porque tinham rabo e porque supunha que ninguém compraria escravos semelhantes.

Os Niam-Niams possuem boizinhos sem chifres e cabras de grande porte, bem como carneiros.

A expedição regressou pelo mesmo caminho. Os Haúças tinham até então ouvido falar dos homens de rabo, mas duvidavam do fato e a finalidade da expedição era confirmar isso²¹.

A narrativa de Manuel, mais longa, sobretudo em seus preâmbulos geográficos, reforça a idéia de passagem de um mundo familiar em direção a um outro território consideravelmente mais impreciso. No primeiro, as distâncias são claramente mensuráveis pelos dias de marcha, as localidades nomeadas, os aliados reconhecidos, os animais identificados. Após transpor uma zona fronteiriça, representada por essa floresta labiríntica onde por nove dias vagueia o destacamento haúça, penetra-se em outro território, depois de escalada uma nova barreira de montanhas, para se descortinar enfim a paisagem desolada que serve de quadro natural aos nus, trogloditas e canibais Niam-Niams.

Confrontado ao relato de Manuel, se me for possível valer de uma evidência, lembraria que todas as sociedades humanas tiveram os seus homens selvagens, até mesmo aquelas que nós chamamos de selvagens, e todas elas definiram, em consequência e a seu modo, os critérios da selvageria. Não existe o selvagem em si. O "selvagem" é delineado, negativamente, pelos traços da "civilização", com todas as suas variantes segundo as épocas, ou modificações conforme os espaços. Apenas permanecerão como constantes, talvez, certas oposições do tipo cru e cozido²². Sem grande esforço, com efeito, será possível apontar toda uma rede delas, aqui e ali no texto mencionado. Manuel, por exemplo, muçulmano, é natural da cidade de Cano, centro importantíssimo no século XIX, a "rainha das cidades haúças"²³, também referida como a Manchester africana, pela produção em escala pré-industrial de tecidos e roupas. A nudez dos Niam-Niams, nesse caso, denunciada com ainda mais veemência pelo apêndice animalesco será o sem contraposto escandaloso. Outros escravos ouvidos por Castelnau recordarão de igual modo a indumentária sumária dos canibais, a pele de carneiro atada à volta do corpo, na descrição de Abukabar, também muçulmano, baguirmi²⁴, ou no testemunho de Griss, haúça de Bauchi²⁵; um terceiro, Manuel, nativo de Bornu²⁶, referir-se-á aos seus atavios bárbaros, o pedaço de madeira que atravessa o lobo dilatado das orelhas dos homens, ou o lábio das mulheres niam-niams. A culinária canibal, a seu turno, ainda que desembaraçada das perversões do cru, é um tema forte para as variações do macabro bárbaro. Os festins são sempre surpreendidos em meio, ou com frequência próximo de seu término, oferecendo ao intruso aterrorizado desde o espetáculo do moqueado niam-niam simples, as cabeças humanas espetadas em varas, (nas versões de Manuel, o informante privilegiado de Castelnau²⁷, e na de Griss²⁸) iguaria que compensa a pouca

²¹ Cf. Francis de Castelnau, *Renseignements...*, op. cit., pgs.15/16.

²² Consultar, sobre a questão do "eterno selvagem", o artigo consagrado por Pierre Vidal-Naquet à análise de *L'île mystérieuse* de Jules Verne in Léon Poliakov (org.), *Hommes et Bêtes - entretiens sur le racisme*, Paris, Haia, Mouton Éd., 1975, pgs.129/142.

²³ O epíteto é de Joseph Ki-Zerbo, *História da África Negra*, trad. de Américo de Carvalho, Publicações Europa-América, vol.1, p.192.

²⁴ Cf. Francis de Castelnau, *Renseignements...*, op. cit., p.32.

²⁵ Idem, p.41.

²⁶ Idem, p.29.

²⁷ Idem, p.15.

²⁸ Idem, p.41.

suculência por um ganho inegável em truculência -, até o preparo mais doméstico, o ensopado niam-niam que o mesmo Griss²⁹ inspeciona. Um outro escravo, Ibrahim, de Bornu³⁰, acusa a vileza do aprovisionamento niam-niam, quando relata a acolhida a um viajante incauto por uma aldeia nas montanhas, e a maneira como foi abatido pelos selvagens, em plena noite, numa violação óbvia das regras de hospedagem. A relação dos tópicos poderia ser ampliada, as habitações precárias ou naturais, as montanhas pedregosas e estéreis, a modorra niam-niam em face à mobilidade empreendedora dos demais povos, etc. Resta, todavia, o sinal de selvageria mais clamoroso, monstruoso, em sua acepção etimológica daquilo que mostra e adverte: o rabo.

Se praticássemos, para efeito prático, uma divisão da monstruosidade imaginária em duas categorias, em dois graus de alteridade, melhor dizendo, poderíamos obter, por exemplo, a do monstro **completamente diverso** e a do **quase idêntico**³¹. Na primeira classe, a capacidade de ameaça ou de repúdio estão diretamente proporcionadas à condição de desumanidade, dimensões avantajadas, atributos incompreensíveis, formas inauditas que afastam o monstro de tudo aquilo que pertence à esfera familiar do homem. No segundo grupo, onde porventura o horror será mais intenso, o monstro pode passar por um ser deste mundo, um semelhante, embora não o seja. Ele é ao mesmo tempo estrangeiro e irmão, por isso mesmo mais insidiosamente assustador. O "quase" é a palavra-chave. E os Niam-Niams, monstros "por excesso", adotando agora uma sub-divisão da teratologia científica do século XIX, trazidos em presença do rei de Cano, seriam condenados à morte **por terem rabo**, e não transformados em escravos, como todos os demais semelhantes dos haúças.

Francis de Castelnau, ao ouvir o relato de Manuel, face a face com o monstro Niam-Niam, dispunha em seu espírito de três possibilidades de reação. Ou bem a observação referida pelo africano era absolutamente incompatível com o conhecimento positivo, mero folclore, não apresentando os requisitos mínimos para ser estudada de uma perspectiva científica; ou, hipótese oposta, o fato era inédito, embora perfeitamente conforme com as previsões da ciência, o que tornaria, então, impossível concebê-lo em termos de anomalia ou monstruosidade, hipótese que Castelnau rejeita explicitamente. Resta enfim uma terceira e mais sutil possibilidade. A observação era ignorada pela ciência, aparentemente era contrária ao corpo de conhecimento existente, embora um novo exame pudesse fazer surgir um elo perdido que preenchesse uma lacuna, esta sim, conhecida e admitida. Nesta direção, sem dúvida, é que parece encaixar-se o "documento" de Castelnau. Contudo, um rápido exame de alguns dos elos não explicitados de seu pensamento poderá melhor esclarecer o mistério dessa sintonia com o informante haúça, ou a natureza da credulidade do viajante europeu.

Nas palavras introdutórias das **Informações**, já citadas, o viajante-diplomata oferecia os resultados de sua pesquisa como subsídio à "história da raça humana", colocando esta última, de modo patente, no interior de um processo evolutivo - a título de lembrete, Charles Darwin iniciou a redação de suas notas sobre a viagem do Beagle em 1837, e publicou **A Origem das espécies** somente em 1859. Embora Castelnau não tenha estabelecido uma teoria evolucionista própria, existe uma passagem da "Introdução" de sua **Expedição às regiões centrais da América do Sul** (não traduzida na versão brasileira abreviada) que avança algumas precisões sobre a concepção do viajante. Depois de tecer comentários sobre a degenerescência do aborígene sul-americano, condenado a desaparecer, assim como as espécies vegetais diante de um novo broto forte, ativo, o homem branco, Francis de Castelnau esboça uma espécie de história das raças:

²⁹ Idem, *ibidem*.

³⁰ Idem, p.43.

³¹ Tomei de empréstimo essas categorias a F. Gonzales-Crussi, no capítulo "Teratologia" de seu **Carnets d'un anatomiste**, trad. de Pierre-Emmanuel Dauzat, Paris, Flammarion, 1986, pgs.147/173. O autor, por sua vez, vai buscá-las em Henri Baudin, **Le Monstre dans le science-fiction**, Paris, Lettres modernes, 1976.

Para quem estudou de modo aprofundado esta raça (a vermelha), ela acha-se representada por pouco mais que alguns indivíduos de cada uma das mil nações que a compunham outrora; esta variedade da espécie humana que desaparece rapidamente da superfície terrestre talvez tenha sido o tronco do tipo humano que teria decaído, em razão de mil causas exteriores, até o negro, de um lado, e teria avançado até o ramo caucásico, por outro, embora haja razões mais numerosas para se acreditar que a sua supremacia sucedeu à da raça negra e precedeu à da nossa. A mutabilidade da espécie já é admitida por muitos naturalistas, e se a rejeitarmos, torna-se impossível explicar as diferenças específicas que quase todos os seres antediluvianos apresentam com relação aos que hoje povoam a superfície de nosso planeta. Vê-se, aliás, que quanto mais nos aproximamos das idades geológicas, mais a animalização aparece sob formas distintas das que vemos vivas em torno de nós³².

Assim, seja qual for a posição cronológica do surgimento e preponderância da raça vermelha, a posição mais precária ou menos evoluída permanece a do negro, confundido, no comentário final de Castelnau, com as mais antigas eras geológicas³³.

Permitamo-nos uma digressão. Quando Lineu, no final do século XVIII, teve a ousadia de incluir o homem na série natural, ainda que encabeçando o reino animal (a classificação de Lineu, pitoresca, concebe o gênero **homem** subdividido nas espécies: **homo sapiens**, o homem; **homo troglodytes**, o chipanzé; **homo satyrus**, o orangotango; **homo lar**, o gibão), ele fazia ao mesmo tempo surgir uma questão deveras espinhosa. Uma vez afastado o domínio do divino, permanece o do humano e do animal. Como apartá-los claramente? Se até então o homem podia considerar-se uma cópia da imagem divina, embora imperfeita, ele vai abordar o século XIX enfrentando a sua condição de **parvenu** entre os seres³⁴, conquistando penosamente a sua condição presente, a sua diferenciação. Curiosa e significativa analogia com a ascensão do burguês no mundo contemporâneo, cuja posição não lhe foi assinalada por direito divino, porém obtida e mantida por esforço. Os semelhantes do homem deixam de participar de uma natureza divina comum, porque não mais criados à imagem e semelhança de Deus: tornam-se **quase idênticos**, isto é, a forma mais assustadora do monstro. Mais do que nunca serão necessários os sinais exteriores demarcadores das precaríssimas fronteiras que separam o homem que se alçou à condição de homem, daquele que guarda ainda laços com as origens humildes e infamantes. A humanidade é um produto da evolução contínua, não acabada, indefinidamente perfectível dos seres, é o resultado das transformações múltiplas da animalidade. Mais do que nunca, são as obras da civilização que se encarregam de abrir o fosso que separa o homem do quase idêntico ao

³² Cf. Francis de Castelnau, *Expédition...* op.cit., vol. 1. "Introdução", pgs. 7/8.

³³ Acrescento, para reforçar a citação, algumas considerações emitidas por Castelnau, ao observar *in loco*, por ocasião de uma escala no Senegal, antes de sua primeira viagem ao Brasil, os primeiros africanos: "Tendo estudado durante longos anos a raça africana transplantada na América, eu sempre ardentemente desejara conhecê-la em seu próprio país, livre e independente. Confesso, todavia, que **essa experiência não fez mais do que confirmar as idéias que eu tinha sobre o pequeno desenvolvimento intelectual desta variedade da raça humana. Como na América, encontrei-a aqui embrutecida pela bebida e as mais absurdas superstições; cômica em seus movimentos, lembra-nos a cada passo o macaco.** O fato é que, livre na África ou escravo no Novo Mundo, o negro é sempre preguiçoso, ladrão e mentiroso. A extrema facilidade com que se submete à escravidão prova nele a ausência de um dos mais nobres atributos da alma humana. Forçado ao cativeiro, o negro engorda, ao passo que o índio da América se deixa morrer", in *Expédition...* op. cit., tomo 1, pgs. 13/14, passagem incluída na versão abreviada traduzida no Brasil. O grifo, naturalmente, é meu, apontando para os aspectos mais vistosos dos apriorismos dessa ciência antropológica. Não deixa de ter a sua graça a pechada de supersticioso lançada pelo viajante aos africanos, em particular ao lembrarmos a posterior incorporação dessas superstições às do naturalista.

³⁴ Encontrei a expressão em Giuseppe Montalenti, *L'Evoluzione*. Turim. Piccola Biblioteca Einaudi - Scienza, 1982, p. 7.

homem, e diferenciam este último do animal mais próximo³⁵. O homem civilizado não existe em si, mas é o resultado de um esforço acumulador de conhecimentos, portanto sujeito a todas as vicissitudes. Existe inegavelmente também uma grande angústia nessa não fixidez, nessa perda da distinção, nessa ameaça de derrocada. O homem perdeu a sua condição de aristocrata da Criação, ser de exceção cuja essência inalienável independia de vicissitudes, e viu-se transformado num lutador sem repouso. O sucesso presente é obra da poupança milenar dos antepassados, mas é apenas um processo em curso, ascendente, estagnável ou declinante, perpetuamente sujeito às leis da concorrência. Os sinais exteriores de sua condição, por vezes objeto de uma obsessão da mensuração, permite como ao burguês que ele se localize dentro de sua história pessoal, e se situe com relação aos semelhantes de sua classe. Não conheço melhor evocação dessa angústia que a de um texto de ficção, **et pour cause**, ligeiramente posterior aos anos em que se situam as nossas referências, embora ainda fortemente articulado a essas preocupações. Refiro-me ao tenebroso **A ilha do doutor Moreau** de H.G. Wells³⁶. O narrador - depois de assistir às transformações dos animais domésticos e ferozes em homens, pelas mãos do vivisseccionista demiurgo Moreau, e à posterior decaída desses quase-homens à condição bestial - não consegue mais, ao retornar a Londres, suportar a vista da multidão nas ruas:

Se, então, eu olho para os meus semelhantes, que estão ao redor de mim, sinto recrudescerem as minhas apreensões. Vejo semblantes carrancudos e irritados, outros amortecidos e perigosos, outros dúbios e mentirosos; nenhum deles possui a calma superioridade de uma alma razoável. Tenho a impressão de que o animal vai reaparecer de repente naqueles semblantes, que dentro em pouco a degradação dos monstros da ilha se vai novamente manifestar em maior escala³⁷

Como remate a essa vertigem das linhas divisórias, depois de abatidas as barreiras que isolavam o homem do mundo animal, surge a fórmula inexorável de um contemporâneo de Francis de Castelnau, o autor do **Ensaio sobre a desigualdade das raças**, o conde Gobineau, numa apóstrofe ao século das Luzes: "Não há homem ideal, o homem não existe"³⁸. Queria ele afirmar que "as famílias humanas são marcadas por diferenças tão radicais, tão essenciais que se poderia recusar nada menos que a sua identidade de origem"³⁹.

³⁵ Retirei, quase textualmente, esse comentário do verbete "homem" do **Grande Dicionário Larousse do Século XIX**, op. cit., tomo IX, p.355. Cito a passagem: "Isto é um fato que não podemos negar (a existência de atributos que possam diferenciar com clareza o homem do macaco); contentar-nos-emos apenas em notar que existe em geral uma tendência excessiva a comparar ao macaco o **homem** industrioso e civilizado das raças superiores: mas, quando colocarmos ao lado do macaco um dos representantes atrasados das nossas raças inferiores, quando compararmos a inteligência de certos animais, e do macaco em particular, à desses seres degradados que levam o nome de australianos, de bosquímanos, etc.: quando lembrarmos que o **homem** civilizado não é um produto da natureza, mas um produto da educação adquirida durante quinhentos séculos de experiência, talvez; quando, enfim, quisermos comparar a atual existência do macaco com a de nossos primeiros pais, tal como foi revelada pelos vestígios que deixaram na terra, então, dizemos, as diferenças profundas apagar-se-ão e as semelhanças aparecerão com mais clareza e mais realidade."

³⁶ Cf. H.G. Wells, **A ilha do doutor Moreau** (1ª edição 1896), s/ind. do tradutor, H. Garnier, Rio de Janeiro, 1910.

³⁷ Idem, op. cit., pgs.204/205.

³⁸ Cf. Conde de Gobineau, **Essai sur l'inégalité des races humaines** (1ª edição 1854), Paris, Firmin-Didot et Cie., 5ª ed., s/d, 1º tomo, p.189.

³⁹ Idem, op. cit., p.106. Acrescento, para estabelecer um diálogo com a afirmação de Gobineau, uma passagem extraída da **Expedição...** de Francis de Castelnau, a descrição de uma festa entre escravos durante a eleição de um rei de Congo em Sabará, alguns dias depois do Natal de 1843. Castelnau escolhe o gênero burlesco para o seu relato: as máscaras e os disfarces ali estão para melhor indicar a impossibilidade de confusão das essências, ou toda a distância que vai da identidade à quase identidade: "A corte (do rei do Congo), em cujos trajes se misturam todas as cores e os enfeites mais extravagantes, senta-se de cada lado do casal de reis; vem depois uma infinidade de outros personagens, os mais consideráveis dos quais eram sem dúvida grandes capitães, guerreiros famosos ou embaixadores de potências longínquas, todos paramentados à moda dos selvagens do Brasil, com grandes topetes de penas, sabres de cavalaria ao lado, e escudo no braço. Nessa balhúrdia, confundiam-se danças nacionais, de diálogos entre pessoas, entre estas e o rei ou entre o rei e a rainha, combates simulados e toda espécie de cambalhotas dignas dos macacos mais exercitados. A coisa mais divertida

O documento de Francis de Castelnau, **Informações sobre a África Central**, reserva ao leitor outros terrenos possíveis de investigação. A classificação dos escravos baianos segundo as suas origens, por exemplo, é uma das tentativas precursoras do gênero realizadas entre nós; os roteiros seguidos pelos escravos, em suas perambulações africanas, as rotas internas do tráfico negreiro, a narrativa e as circunstâncias do primeiro aprisionamento, indicarão possivelmente correntes e intercâmbios econômicos efetivos do continente. Certas evocações da paisagem e fauna africanas, por vezes simples e longas enumerações dos informantes, contêm uma indisfarçável carga emotiva, modificando o caráter sumário, a impressão de simples anotação que possui a prosa de afogadilho do naturalista-diplomata. Muitas dessas direções potenciais de análise requerem, todavia, competências específicas e ficam dadas assim como possibilidade. Em contrapartida, preocupou-me um único aspecto desse texto, que indiquei estar relacionado, simulando um pouco de inocência, com a pouca curiosidade pelo africano escravo demonstrada por alguns dos viajantes que estiveram em nosso país no século passado. Francis de Castelnau não foi um compilador do folclore africano, tampouco um teórico do racismo científico, como o conde Gobineau, nem propriamente um estafermo crédulo (apesar de confessar que na meninice, talvez desde então, acrescentaríamos, "as narrativas de Cook e Levaillant substituíram entre (suas) mãos os contos de fada")⁴⁰. Naturalista, tão só, ele transportou para a pesquisa de campo, juntamente com o instrumental científico, as suas concepções já formadas, uma certa ordenação bem solidificada dos grupos humanos. Castelnau acreditava estar obtendo dos fatos relatados induções indiscutíveis, que poderiam alterar o curso da ciência, embora os fatos, matreiramente, atestassem e repetissem aquilo que ele já sabia⁴¹. O que poderia ter ele aprendido de novo, por exemplo, no decorrer de sua expedição, com as quase 18.000 mensurações, entre elas as craniométricas, efetuadas junto aos índios Apinajé da ilha do Bananal? Não é por ser um mau antropólogo, unicamente, ou anatomista amador, que Francis de Castelnau transformou a lenda dos Niam-Niams coletada na Bahia em descoberta científica. Manuel e os demais informantes baianos permitiram ilustrar as conclusões previamente preparadas do viajante europeu: nem escuta, nem diálogo, mas confirmação, apenas. Inutilmente debruçado sobre a cartografia incerta dos negros baianos, Francis de Castelnau perseguia em regiões desconhecidas monstros em tudo semelhantes à monstruosidade de que a sua ciência já estava assombrada.

era porém um preto mascarado de branco, e vestido com a farda vermelha do soldado inglês; trazia um violão e era acompanhado por uma orquestra, por assim dizer, nacional. A escuridão acabou por encobrir estes personagens, que não poderiam querer mais do que nela se confundir". op. cit., tomo I, pgs.171/172.

⁴⁰ Cf. *Expédition...*, op. cit., vol.1. "Introdução", p.3.

⁴¹ A dificuldade, para toda ciência, de separar o contexto cultural da verdade objetiva é analisada por Stephen Jay Gould em *A falsa medida do homem*, trad. de Válder Lellis Siqueira, São Paulo, Martins Fontes, 1991, com especial interesse pelo racismo científico. Tomei emprestado de um dos capítulos do livro, "Dois estudos sobre o caráter simiesco dos indesejáveis". o sub-título de meu artigo.